

**Palestra concedida pelo Dirigente de Sofala
a Cooperantes em Serviço na Cidade da Beira,
Beira, 28 de Novembro de 1984**

Sede do Comité Provincial do Partido Frelimo

Marcelino dos Santos

Acho que falar da história da FRELIMO é uma coisa boa; acho que falar dos Bandidos Armados é uma boa coisa e falar da minha inserção na luta, bom, vale o que vale.

Eu gostaria que hoje trabalhassemos até as sete e meia e queria propor que tivéssemos um outro encontro na quarta feira dia cinco. Esse, então poderia ser mais longo no tempo. Eu queria saber se isso vos convem. Por exemplo, se a gente começa às cinco e meia, quantas horas podemos ficar, três horas?

Porque este problema dos bandidos armados é muito importante e nós temos que encontrar os caminhos para acelerar esse combate. Mas todos esses caminhos são para fazer a revolução. De modo que são muito importantes. Por isso se não se importam poderíamos realmente conversar um pouco sobre a história da FRELIMO.

Primeiro ponto. Aqui no nosso país houve esforços para liquidar a dominação colonial, esforços para criar liberdade no país. Num primeiro momento da formação da reivindicação muita gente pensou que seria possível no contexto português criar liberdade para os africanos.

Se vocês olharem para a história de Moçambique como para a história de Angola, da Guiné-Bissau e São Tomé—Cabo Verde é um processo especial—vocês hão-de sentir que houve muita efervescência—nos anos quatorze, quinze, depois da Primeira Guerra Mundial e durante os anos vinte houve muita efervescência, quer dizer, a afirmação de certa personalidade nos nossos países. Foi pelo facto de a República se ter instaurado em 1910 e, naturalmente, quando chega a República há muitas ideias generosas como a Revolução Francesa também. E depois, pouco a pouco as coisas se vão decantando. Foi o que sucedeu.

Mas esse entusiasmo ou romantismo revolucionario levou a que muitas manifestacoes tivessem lugar aqui em Moçambique como em Angola em particular, mas tambem em Sao Tome e Guine-Bissau. Era a gente negra, gente africana que reivindicava os mesmos direitos que os brancos.

Aqui voces ja devem ter ouvido falar de João Albasini, Estácio Dias, António Albasini, Rui de

Noronha e mais tarde Karel Pott já era outra coisa muito próximo de nós. Os outros era a reivindicação de ser português como os outros portugueses. Mas essa consciência trazida por esses alguns que expressaram por escrito nos jornais que apareceram: *O Africano* e *O Brado Africano*. Essa consciência era uma consciência que existia em muitos Moçambicanos, aqueles que eram assimilados, aqueles que tinham a cidadania portuguesa. Eu digo isso porque, por exemplo os mulatos aqui em Moçambique, haviam alguns que eram assimilados mas muitos deles era cidadãos portugueses; não tinham direitos mas comportavam-se como tais. Não tinham documento de assimilado. Nesses era essa consciência que havia: reivindicar os mesmos direitos.

Depois da segunda guerra mundial começam outros, sobretudo, já nos anos 1950 aparecem outras formas mais avançadas de reivindicação. E, aqui, então vamos caminhar com o resto da África.

Em 1950 começam a aparecer os primeiros países africanos independentes e aqui aparecem muitas manifestações de nacionalismo. Nesta cidade da Beira e Maputo formaram-se muitos pequenos grupos para ver o que se podia fazer já para se ir para a independência, talvez dizendo assim, recusar os portugueses para construir outra coisa que naturalmente tinha o nome de Independência. Muitos grupos se formaram e que se alastraram na camada daqueles que tinham ido à escola que eram os professores, que eram os enfermeiros, que eram trabalhadores dos caminhos de ferro, trabalhadores dos portos. Em geral eram esses grupos de enfermeiros, dos professores, dos trabalhadores dos portos e dos caminhos de ferro que se situavam mais ou menos os elementos que avançavam e que se situavam à frente da busca dos novos elementos para a liberdade.

Exemplos de companheiros o próprio camarada Presidente Samora, Felipe Samuel Magaia e outros nomes que vocês conhecem como este João Munguambe, Abner Sansão Muthemba, e Mateus Sansão Muthemba que morreu assassinado em Dar-es-Salaam e muitos outros que viviam aqui e que trabalhavam na clandestinidade. Esse mesmo Louremco José Marra primeiro Secretário da cidade. De modo que já havia muita gente aqui que começou a cavar as estradas do nacionalismo.

Ao mesmo tempo que isso acontecia aqui, vários elementos saíam do país para a Rodésia, para o Malawi. Alguns também foram para a África do Sul. Mas para fazer esse trabalho nacionalista foram para a Rodésia do Sul e Malawi. Outro tipo de gente foi para a Tanzânia e não era o mesmo tipo de gente que foi para o Malawi e para a Rodésia. Alguns malandros que fugiram daqui por causa dessa situação do colonialismo, alguns eram já até um pouco marginais foram para a Rodésia em particular ligaram-se à organização de Joshua Nkomo. Os que foram ou estavam na Tanzânia e que em geral fizeram este trabalho de nacionalismo foram aqueles que já tinham saído há muito tempo para o trabalho das plantações em particular a plantação de sisal. Esses cresceram para o nacionalismo participando em grande parte nas atividades da TANU do Tanganyika African National Union. Foi aí que eles cresceram para o nacionalismo e mais tarde então, passaram pelo Moçambique Makonde Association e depois Moçambique Makonde Union - MANU - Associação dos Makondes de Moçambique.

A característica deste grupo é que saiu de Moçambique com o sentido de que Moçambique era só Makonde ou o máximo Cabo Delgado. A característica desses iniciadores do nacionalismo lá na

Tanzania e e por isso que quando se organizam tomam o nome de associação dos macondes e nessa altura era simplesmente uma organização de entre-qjudq mutua. Como e um fenomeno muito natural em varios países da Africa: Africa Ocidental, Africa Oriental. Quando muitos elementos da mesma regio se encontravam criavam este tipo de organização. Por exemplo, e muito visivel isso num país como Costa de Marfim, Benin (antigamente Daome) criaram-se essas associacoes de ajuda mutua, um reflexo natural.

Portanto, e esta a caracteristica dos elementos que ascenderam ao nacionalismo. Aqueles que ascenderem o nacionalismo na Rodésia e no Malawi ja tinham uma visao mais larga de Moçambique. Tinham as caracteristicas de serem poucos os que realmente tinham uma base seria. Todos eram meios marginais e alguns, numa certa medida foram para o nacionalismo como uma maneira de utilizar o nacionalismo para viver. Isto foi muito claro nos elementos que se situaram na Rodésia. Os exemplos sao: o Guambe, o Calvino Malhaehe, Fanuel Malhuza que foram os iniciadores da UDENAMO na Rodésia. Outros como Baltazar Chagonga que ja na UNAMI - Uniao Africana Nacional Independente que se instalara no Malawi que juntamente com Amos Sumane, a visao destes ja nao era pura, vamos dizer, era regionalista e tribalista mas ja tinham um certo sentido de Moçambique.

De modo que naqueles anos 1950 e nos principios de 1960, 1961 houve movimentação dos moçambicanos aqui que para alem destes pequenos grupos de 5, 6, 10, 15 que se encontravam e falavam e depois multiplicavam-se ou de maneira deliberada - tu vais organizar outra gente que formara um outro grupo ou entao ao acaso, por exemplo, uma pessoa que trabalhasse em Maputo depois era tranferida para a Beira ou para Nampula e la de novo procurava militantes, grupos de pessoas com quem se encontravam e falavam dessas coisas. Os grupos iam-se multiplicando. Mas surgiram outros grupos num certo movimento cooperativista para a produção do algodao e tambem para criação de gado, como esforco e tentativa para a produção de arroz tambem como tentativa de fugir ou reduzir a exploração de que erqm sujeitos por parte dos portugueses. E o caso do proprio Lazaro Nkavandame que promoveu um movimento cooperativista e por isso mesmo ele foi preso e quando saiu da prisao as autoridades coloniais reduziram o numero de membros da cooperativa a 25. Nao podiam ser mais do que 25 em cada cooperativa. Quando ele foi preso, se nao me engano, ja tinham atigindo 500 membros nas cooperativas ali em Cabo Delgado. Outros movimentos que se produziram foram a nivel dos portos e Caminhos de Ferro em Maputo. Que eram reivindicacoes economicas quer para reduzir a dimensao da exploração. Mas entre eles havia tambem elementos com certa consciencia mais alem do que a base economica portanto ja politica para a independencia. Fenomenos de recusa da maneira de ser e de viver em Moçambique sucederam tambem com os varredores das ruas na cidade do Maputo.

Portanto, havia uma certa efervescencia, quer dizer, havia uma certa movimentação aqui no país. Mas essas pessoas que estavam aqui dentro do país e que faziam essa vida clandestina nunca ousaram lancar um movimento. Nao tiveram pelo menos até a formação dos movimentos la fora.

As pessoas la de fora tinham mais naturalmente influencias externas e mais movimentação e, entao foram muito capazes de lancar movimentos com 10, 15 pessoas para lancar um movimento. Foi o caso da UDENAMO (Uniao Democratica Nacional de Moçambique); o caso da UNAMI (Uniao Nacional Africana de Moçambique Independente), no Malawi; os da Tanzania quando lancaram o movimento nao eram em numero de 10 ou 15 as centenas nas

plantacoes de sizal.

A qualidade politica do movimento UDENAMO era de longe superior a qualidade do movimento MANU (Mozambique African National Union), por causa dessa qualidade dos seus membros e da visao politica, como disse, era voltada para a zona de Cabo Delgado e em particular para a Zona dos Macondes.

Quando se forma a UDENAMO em 1960 em Bulawayo (Rodesia) e a MANU em Dar-es-Salaam e quando as noticias chegam aqui, imediatamente comeca a formar-se movimento de nacionalistas. Daqui saltaram para a Tanzania porque esta ascende tambem em Dezembro de 1960 o "self-government" como voces dizem em ingles. Mas so no ano seguinte e aue constituiram o primeiro ministro, em 1961. Voces sabem que depois o Presidente Nyerere ocupa-se do partido depois de eleito o primeiro ministro Kawawa, e Nyerere Presidente da Republica apos as eleicoes de Dezembro de 1962. Mas nesse ano 1961, 1962 e o ano que muitos Moçambicanos veem a Tanzania essencialmente atraidos, puxados pela realidade do movimento que se criara na Rodesia do Sul que fez trabalho centrando-se muito sobre esta regio Centro mas tambem chegou ao Sul.

A UDENAMO pela sua propria natureza, vamos dizer, propaganda se quisermos falar imediatamente se situou ja como um movimento nacional Moçambicano. A MANU ficou sempre agarrado a Cabo Delgado; a UNAMI nunca chegou ter personalidade.

Foi mais ou menos num objectivo de perspectiva de unidade nacional para evitar a desuniao que a UNAMI ficou considerada no seu papel nacionalista. Estes dois agrupamentos de Dar-es-Salaam em Tanzania ligavam-se com o Quenia. Estendiam-se as plantacoes de sizal do Quenia particularmente em Mombasa, esse era o movimento territorialmente restrito. A UDENAMO na sua propaganda ja tinha uma visao, mas a consciencia das pessoas ainda nao era sa. Contudo, na sua forma de se exprimir tinha ja uma visao nacional. Foi por isso que atraiu muita gente.

Entao sairam muitos elementos daqui para a Tanzania. Saiu o Filipe Samuel Magaia, saiu o Silverio Nungo, o Uria Simango, o Miguel Murupa, saiu o Joao Munguambe; o Lopes Ndelane Tembe que e o nosso embaixador na Republica Popular da China; esses sairam nessa altura e foram para Dar-es-Salaam e mais alguns que agora nao me recordo.

Quando comecou o trabalho para tentar agrupar todos e fazer uma so organizacao entao apareceram os grandes choques que foi a grande personalidade de Mondlane que conseguiu impor os elementos basicos para a unidade porque a unidade teve que ser confeccionada no processo da luta, enfim conseguiu-se um cimento inicial. Mas porque disse e nos todos tinhamos um respeito por ele: "Olhem, eu nao participo em nada se nao houver unidade entre a UDENAMO e a MANU.

Quando se faz a primeira reuniao em 25 de Junho com todos os elementos que havia ali, o Guambe que era presidente da UDENAMO logo abandonou porque nao foi eleito presidente, presidente foi eleito o Mondlane e Simango foi eleito Vice-Presidente. O Guambe foi-se logo embora com alguns mais. Mas do grupo dele ainda ficaram na direcção da FRELIMO criada em

25 de Junho, quatro elementos da MANU e outros da UDENAMO. Mondlane na realidade não entrou em nenhuma dessas organizações mas claro, para entrar na sala em 25 de Junho era preciso pertencer-se a uma organização. Ele entrou através da UDENAMO mas a realidade foi entrar agora e minutos depois entrar na sala para respeitar as formalidades.

Portanto, podemos dizer que Mondlane não era nem da UDENAMO. Mas os outros Moçambicanos que tinham saído de Moçambique: Murrupas, Munguambe, os de Tete todos e estes entraram para a UDENAMO. De modo que logo de início na reunião de 25 de Junho de 1962 foi decidido que três meses depois teria lugar o Congresso e tudo aquilo que eram bens das organizações MANU, UDENAMO e UNAMI pertenceriam a FRELIMO no momento exacto em que se iria realizar o Congresso. Mas na negligência que caracterizava aqueles elementos dois foram expulsos - eram da MANU - porque tinham levado a máquina de escrever e foram vender de modo que só ficaram dois elementos.

Quando se faz o Congresso a composição é: Mondlane, Simango, David Mabunda que vinham da UDENAMO e eu próprio que vinha também da UDENAMO como Paulo Gumane, João Munguambe e mais dois companheiros da MANU e entrou um tal Leo Milas que saiu com um problema que até hoje a gente ainda não conseguiu decifrar. Este também vinha pela UDENAMO. Leo Milas estava nos Estados Unidos e não sabemos como apareceu lá na Tanzânia.

Gumane e Mabunda em Dezembro criaram lá uma confusão com o Milas e, eles os dois são expulsos juntamente com João Munguambe e Joel Guduwane. Este seria posteriormente treinado e depois voltou para Moçambique para dirigir esta parte Sul no processo do movimento do desencadeamento da Luta Armada. Foi preso pela PIDE e anos depois foi assassinado pela PIDE ali na Machava.

O que nos queríamos provar de imediato como fundamental e que nos quando vamos ver a direcção da FRELIMO nos princípios de 1963 encontramos a quase totalidade de elementos com uma forte raiz no interior do país e todos aqueles que estavam fora da realidade nos movimentos da Rodésia, Malawi e Tanzânia estavam fora da Direcção. O que nos atermos aqui declarar e o seguinte: e que a qualidade nacionalista dos elementos que se tinham forjado dentro de Moçambique quer dizer, João Munguambe, Joel Guduwane, esses Magaias e mesmo o Nungo e o Simango eram uma qualidade superior a estes de Gumanes, Mabundas, Calvino, Malhahehe, de Fanuel Malhuza de Guambe ou dos elementos da MANU, porque quando era necessário afirmar os valores para avançarmos e para o desenvolvimento da luta tudo isso foi rejeitado, aquilo que era essencialmente elemento do exterior.

Portanto na nossa primeira conclusão: formação da FRELIMO foi esta união da UDENAMO, MANU, e UNAMI. Certo, mas essencialmente foi a união entre forças nacionalistas do interior com as forças nacionalistas do exterior e foram essas forças do interior que permitiram logo a seguir a formação da FRELIMO e a sua expansão através de todo o país porque tinha todo aquele trabalho que vinham fazendo aqueles pequenos grupos aqui, pequenos grupos ali. Tanto os grupos políticos, como esses das cooperativas, o trabalho no corte, etc., já tinham portanto os seus ninhos aqui. E foi fácil para nos FRELIMO enraizarmo-nos aqui no país mesmo se a reunião teve lugar em Dar-es-Salaam e porque os elementos nela participantes e fazendo parte

integrante eram os elementos que tinham sido forjados aqui no interior.

Esta conclusao e muito importante porque depois no processo da luta nos ia servir de inspiração para compreendermos que a qualidade maior e aquela que se cria no terreno. E dai a insistencia que nos pusemos sempre durante a luta uma presenca fisica directa nas Zonas Libertadas quer dizer, nas zonas de combate e hoje pomos a insistencia na localidade, no Distrito para ir saber quem somos nos exactamente e como somos.

Portanto, se nesta fermentação que se produziu aqui mesmo, se os Moçambicanos do interior nao tivessem a coragem ou mais porque nao foram atrevidos para lancar um movimento na fase do desenvolvimento que tinhamos, mesmo os que estavam la fora lancaram o movimento mais por atrevimento do que por consciencia clara do seu proprio desenvolvimento. Estes do interior eram nitidamente mais fortes porque aqui realmente a pessoa que fazia ax coisas, que se engajava sabia que estava a correr o risco directo e imediato quer dizer, que se avancava para o trabalho era porque ja tinha a consciencia nacionalista. Uma forma de viver la fora em particular na Rodesia no Malawi e tambem na Tanzania, aquela consciencia criada nos Moçambicanos pela sua propria participação no movimento da TANU.

Depois naturalmente apareceram aqueles que se tornaram chefes de grupo esses ja tinham o seu comportamento de querer utilizar o nacionalismo como uma maneira de viver. O exemplo disso e o que imediatamente acontece logo apos a formação da FRELIMO. Muitos Moçambicanos em Dar-es-Salaam na Tanzania e em outros lugares da Tanzania deixaram os seus empregos.

E claro, eu e outros companheiros, primeiro nao compreendemos porque vimos de repente as pessoas ficarem nos escritorios e eles disseram abertamente: "A FRELIMO nos vai dar comida e casa." _p 7 ħ3ЉDe notar que os Moçambicanos que estavam na Tanzania trabalhavam em diversos lugares, a maioria nas plantacoes de sizal. Condiçoes de trabalho certamente duras. Certamente que o salario nao era alto mas tinham melhores condiçoes que em Moçambique. Mas logo que comecou a FRELIMO comecamos a receber quotizacoes de Moçambique, em escudos moçambicanos que recebiamos regularmente. O actual Ministro da Defesa Alberto Chipande por exemplo, e este, o Inspector do Estado Raimundo Pachinuapa, o proprio Lazaro Nkavandame andavam ali dentro em Cabo Delgado a quotizar, a angariar fundos que depois mandavam para Dar-es-Salaam.

Mas para os Moçambicanos que trabalhavam na Tanzania tudo tinha de ser a dar, nao eram eles a produzir era a FRELIMO que tinha de dar. Em Tanzania nos tivemos que estabelecer aquilo que em ingles se diz "branches" (seccoes). Era em Korogwe, Morogoro, era Lindi, era Mutwara mesmo em Nachingweia, em todos os lugares onde havia moçambicanos, tinhamos interesse em estabelecer certo controlo sobre os moçambicanos. E ai quando viemos de branch em branch e quando chegavamos num lugar sabiamos que havia uma lista de pedidos. Queriam carro; queriam maquina de escrever, queriam nao sei o que. Por exemplo, quando nos chegamos a Korogwe havia ja uma grande lista de coisas que queriam inclusive carro.

- Mas para que? perguntavamos nos.

- Ah, e porque este "branch" faz trabalho nas plantacoes! respondiam-nos eles.

- Muito bem. E qual e a distancia?

- Oito milhas.

- Oito milhas quanto e que da? Da doze ou maximo treize quilometros e voces precisam de ir de carro?

- Sim.

- E se nao tiverem carro nao poderao ir de mota? Eles olharam-nos assim...

- Sim.

- E se nao tiverem mota nao poderao ir de bicicleta? Ja comecavam a ficar atrapalhados.

De modo que isto e so para dar a dimensao da compreensao da consciencia da direcção politica que tinham muitos Moçambicanos la no exterior. E este o trabalho que a FRELIMO fez de uma maneira consciente e deliberada aqui apos a sua formação em 1962 no exterior. Esta gente nao podia ser a forca de choque. Esta era consciencia da direcção. Mas eles faziam muito barulho aqui. Mas nem a Tanzania, nem nenhum outro pais africano conhecia o interior de Moçambique. Nenhum de voces conhecia o interior de Moçambique, nem os vossos paises conheciam. Se em 1962 um grupo de malandros se levantasse em Dar-es-Salaam a dizer qualquer coisa voces iriam acreditar porque e la que estava a FRELIMO. E era extraordinariamente dificil para nos contrariar esses comportamentos errados. Nos sabiamos que nao podiamos nao tinhamos foras para contrariar tanto mais que muitos elementos que la estavam na Tanzania tinham muitos conhecidos na direcção da Tanzania de modo que nos que vinhamos de dentro e eu que estava por ai a passear pelas europas, conheci o Kawawa em 1961; Mondlane conheceu Nyerere antes nas Nacoes Unidas, mas os outros que la estavam ja tinham anos e anos de amizades com os tanzanianos. Se eles dissessem, por exemplo, "Aquele ali e mulato, e assimilado e e da PIDE" estava mal. Aconteceram muitas coisas dessas. Por exemplo, esse Jacinto Veloso e este Joao Ferreira actualmente ministro da Agricultura, voces sabem que eles chegaram la de aviao. O Veloso como era piloto pegou no aviao dos portugueses ali em Nampula saiu e veio aterrar em Dar-es-Salaam e sofreu. Foi realmente necessario que alguns de nos agissem para impedir o pior, porque muitos Moçambicanos diziam: "Esse e branco e da PIDE." Mas conseguimos agir e falar com os tanzanianos e eles depois foram para Argelia na primeira metade de 1963. Isto para vos dar a dimensao e ao mesmo tempo para fazer o trabalho contando dom essa mesma gente. O trabalho con essa gente era acalma-los ao maximo possivel sabendo que o trabalho fundamental nao era com eles mas ao mesmo tempo preparar esse trabalho fundamental. Os primeiros elementos partem para a Argelia para treinar nos primeiros dias de Janeiro de 1963. Durante o ano de 1963 partem tres grupos para Argelia. Entretanto era preciso fazer face as reivindicacoes daqueles que queriam isto e aquilo. Estes eram naturalmente explorados por aqueles elementos que nao quiseram ficar na FRELIMO e se foram embora. Porque depois do Mabunda e Gumane sairem Joao Munguambe tambem e expulso bem como Joel Guduwane. Mas nos recuperaremos Joel Guduwane e o Munguambe. Porem, Gumane e Mabunda recusaram-se e mais tarde formaram o Coremo no Cairo.

Havia em Dar-es-Salaam uma atmosfera de intriga por causa daquelas circunstancias sociais e historicas. Aquilo que aqueles malandros faziam certamente chegava as vossas terras. O nosso trabalho era reduzir ao maximo o efeito desses comportamentos preparando as condicoes para o desencadeamento da Luta Armada.

Nos tinhamos decidido o desencadeamento da guerra em Julho de 1964. No entanto, em Julho de 1964, houve uma grande manifestação MANU __MANU contra a direcção da FRELIMO porque diziam que esta estava vendida aos portugueses e por isso nao queria fazer a guerra. Nos ja tinhamos informado ao Presidente Nyerere que a guerra ia comecar no dia 25 de Setembro. Mas houve uma multidao de Moçambicanos que foram manifestarse junto do Comite de Libertação da OUA dizendo: "Isto nao presta."

Quando comecou a guerra muitos moçambicanos do interior comecaram a fugir para a Tanzania entao aquela gente que estava fora deixou de ter peso nestes probleas da FRELIMO. Mas durante aquele ano até ao desencadear da luta a acção consciente e deliberada da FRELIMO fezse tudo rapidamente para o desencadear da Luta Armada. Até o Presidente Mondlane saia de DaresSalaam e dormia a frente de uma cantina pondo so uma esteira e dormia em cima para passar a noite. Ele ia a esses lugares todos so porque era preciso fazer trabalho politico. Nao era gastar tempo, era preciso fazer aquele trabalho, acabar e porque se o mundo o ouvisse a falar tomavao como realmente a voz dos moçambicanos. Mas nos e que sabiamos a verdade das coisas porem, fazer com que os outros levassem a nossa verdade nao era facil e, ao longo da nossa história nos tivemos sempre dificuldade em fazer com que a nossa palavra fosse sempre acreditado por toda a gente ca fora. Era tambem necessario lutar contra a propaganda portuguesa. Entao aquilo aue os portugueses diziam; aquilo aue os outros malandros diziam, pronto era o que era.

Nos diziamos: temos as Zonas Libertadas. Primeiro a noção de Zona Libertada nao e facil para qualquer um de voces que esta na Europa. Primeiro porque era preciso ver um lugar libertado; entendela sociologicamente falando, um lugar onde ha vida, onde ha alimentação, onde ha produção, onde ha escolas, onde ha hospitais. Qualquer um tinha dificuldades de visualizar, em ter uma imagem fisica concreta do que era a Zona Libertada. Esta foi uma realidade fundamental e profundamente fecunda que nos criou, foram as Zonas Libertadas. Se nos fomos capazes de crescer como homens e como revolucionarios foi por causa das Zonas Libertadas; foi pelo trabalho de produção, de recriar a vida normal quer dizer, de assumir logo apos o desaparecimento das estruturas portuguesas, assumimos nos proprios a construção do novo estado em Moçambique. Se nao nos tivessemos engajado no trabalho da produção e ao mesmo tempo nos engajarmo- nos no trabalho da guerra, nao nos teriamos forjado, nao teriamos assumido o sentido da exploração e muito menos as posicoes contra a exploração. Quando os portugueses se evaporaram de Cabo Delgado e Niassa a administração portuguesa limitava-se as cidades.

E agora, o que fazer? Era preciso dirigir aquela população, entao comecamos a dirigir-la. Mesmo estando em guerra as populacoes comem, as pessoas vestem, as pessoas vao a escola e precisam de medicamentos, tratam-se e voltam a ficar doentes. Tudo isso era preciso recriar. Entao fomos fazendo isso. O problema que se punha era o problema que se punha em qualquer pqis: "nos

vamos criar essa riqueza e essa riqueza vai ser para quem?" Problemas alimentares que aparecem a todo e qualquer povo e nos tivemos que dar uma resposta e nos dissemos: "produzimos para nos, não queremos aqui nada de exploração do homem pelo homem."

Nos nos engajamo-nos nesse trabalho e fomos nos forjando, fomos formulando as realidades que nos iam vivendo. E para fazer vocês acreditar era preciso primeiro fazer sentir, dar essa visão, essa noção do que é a Zona Libertada. Mesmo assim tinha de dizer: "vem cá dentro ver." Houve gente que disse: "o meu governo não me deixa. Vou lá dentro e se morrer?" Eu disse: "A sua vida é tão preciosa?" Houve gente que nos respondeu assim e continua a falar de nós. E nós dissemos: "Entra lá eu vou contigo."

Houve histórias. Uma vez estava o camarada Presidente com um coronel de um país qualquer, num lugar qualquer, creio que foi em Cabo Delgado. De repente aparece um desses aviões tipo TTA lá no alto e o camarada Presidente disse: "vamos para aqui e ficamos." Mas o nosso amigo estava muito atrapalhado, tremia e depois pergunta ao camarada Presidente: "Eles estão a ver-nos?" O camarada Presidente ficou tão zangado e disse assim: "Vai lá perguntar a eles!" Estão a ver. Se as pessoas queriam falar da nossa realidade de perto nós pedíamos para virem vê-la.

De modo que isto para dizer que era muito difícil para vocês compreenderem porque naqueles dois anos iniciais nós tínhamos que realmente ter em conta da gente que estava em Dar-es-Salaam que tinha já muitos laços com o exterior. A partir do momento em que a guerra foi desencadeada aquela gente já era problema para nós, porque a voz agora era de dentro. Bastava a gente dar um comunicadinho, pronto aquilo avançava contra toda a porcaria que lá estivesse.

Portanto esta foi a primeira fase, a fase da formação que vai de Junho de 1962 a Setembro de 1964. Mais um aspecto importante e que nós mandamos formar gente na Argélia, na União Soviética, na China e na Coreia do Norte. E o país que vivia muito fortemente conosco quer dizer, entendia o nosso trabalho e deu grande apoio foi a Tanzânia e Argélia.

Tanzânia tem um lugar excepcional em todos os movimentos de libertação. Creio que não houve nenhum movimento de libertação que não teve base na Tanzânia. Até creio mesmo que os da Guiné Equatorial a dado momento tiveram lá uma base. Mas qual foi a característica principal da Tanzânia? e que todos os nacionalistas como tal chegaram a Dar-es-Salaam nenhum era obrigado a trabalhar para viver imediatamente. O governo tanzaniano dava comida e cama e, permitindo assim aos Freedom Fighters (combatentes da Liberdade) de poder fazer trabalho.

A Tanzânia dava-nos três xelins por dia com cama, lençol e almofada, com panela para podermos cozinhar. Agora isso é para a vossa informação, não é para publicar na imprensa. Por semana davam 21 xelins e ainda sobrava um pouco de dinheiro para juntarmos. Esta maneira de entender da Tanzânia permaneceu quando tivemos o "No Gordio" em 1970 com a acção de Kaulza de Arriaga. Nós estávamos atrapalhados porque era aviões, bombas, buldozeres.

Então, tínhamos primeiro de conceber a maneira de resistir. Segundo, os maiores de resistir naquele momento crucial quando eles desencadearam a operação de Maio a Agosto. Nós nos

recompusemos. A Tanzania e que nos deu um milhao de xelins e ofereceu-nos armamento. Voces viram quando nos estavamos aqui a Tanzania nao tinha nada mas veio aqui trazer dolares, sete mil dolares para dar. Mas a gente vai a Tanzania e nao ha nada, esta e a outra dimensao da solidariedade tanzaniana.

Portanto, para voces saberem a Argelia mqndou dinheiro para nos em Novembro de 1962. Levou-nos com avioes para irmos para a Argelia para irmos treinar, trouxe armas de combate a Dar-es-Salaam em 1964 depois de nos treinarmos.

Foi do MPLA que foi dizer na OUA: "Banco de Sangue." E da expressao "Banco de Sangue" que sai o Comite de Libertação. e preciso compreender e saber isso quando se trata dessa fase de 1962 a 1964. Outro aspecto que e preciso conhecer aqui: o papel de Malawi. Tambem isso e para o nosso conhecimento.

25 DE SETEMBRO DE 1964

Com o desencadear da Luta Armada surgem novos problemas e imediatamente nova fase cujo aspecto principal e o aparecimento de duas linhas no seio da direcção da FRELIMO. Que naturalmente essas linhas so se vieram definir com certa clareza em 1967, 1968 e definitivamente em 1969.

A formulação, a teorização da situação era ja perfeita, mas foi a partir de 1965 sob a acção das nossas forcas que a administração portuguesa se evaporou de varias zonas do nosso pais e, nos entramos nao somente como forca armada mas tambem como poder politico e administrativo. Entao o problema que se pos a esta terra libertada foi a seguinte: vai ser auma terra capitalista ou uma terra socialista? Naturalmente nao pusemos em termos de capitalismo ou socialismo, mas dissemos: vamos aceitar a exploração do homem pelo homem ou vamos recusar.

Estas questoes pela sua natureza tiveram de ser tratadas pela direcção da FRELIMO em particular a questao do comercio. Nos comecamos a produzir para a exportação os seguintes produtos: a castanha de caju; oleo de ricino; gergelim e peixe seco. Produziamos e vendiamos ca fora e, com esse dinheiro podiamos comprar algumas coisas fundamentais como: comida, sabao e fora as dadivas que voces nos deram e as de outros paises africanos e de outros lugares do mundo.

Ao mesmo tempo nos dissemos: a nossa população trabalha aqui dentro de Moçambique. Os produtos tambem serao aqui vendidos. Sentimos que essa coisa do comercio ia ser um grande problema e decidimos que nao haveria comercio privado nas Zona Libertadas. Decidimos isso porque ali iriam aparecer todos os malandros. E, em particular demos a palavra ao Nkavandame a responlidade do comercio numa equipe de que fazia parte o Uria Simango, Lourenco Mutaca para organizar uma comissao do comercio em Moçambique. Quem dirigia o trabalho do comercio em Moçambique era o Lazaro Nkavandame.

Entao ai e que falhamos completamente porque entregamos a actividade comercial ao homem que iria ser o maior candongueiro. Quem fixava os precos era o camarada Manuel dos Santos

que e o nosso embaixador na Tanzania, que foi o nosso embaixador nas Nacoes Unidas. Mas Lazaro Nkavandame fazia o seu preco. Por exemplo, se nos dissemos um metro de tecido custava sete xelins ele vendia meio metro por sete xelins.

Em Moçambique todo o transporte era feito nos ombros e na cabeça. Se tinha gergelim, castanha, era a população que transportava ate a fronteira. Aqui naturalmente nos punhamos aquilo em camioes. Com o nosso dinheiro Lazaro Nkavandame conseguiu comprar um tractor com um atrelado e cobrava pelo transporte. Ele nao dizia que era dele mas parece que a afirmação era da irma. Maquela altura ele cobrava cinco xelins pelo transporte de um saco de castanha e nessa epoca o dolar andava por volta de seis a sete xelins. E preciso dizer que depois de ele fugir o dinheiro que tinha no banco reverteu para nos. Ele acumulara muitos xelins no banco. Mas isso sos para vos dizer que ele explorava la dentro com os produtos que a população vendia directamente e no transporte que fazia da fronteira ate Mutwara.

Os produtos que nos vendiamos eram absorvidos pela Tanzania e se nao absorvesse, como, por exemplo, no caso do gergelim que era uma coisa muito querida no Egipto, este pais estava interessado em comprar o nosso gergelim.

Mas isso para vos dizer que ai falhamos no auto da decisao de quem deveria ocupar-se por entregarmos precisamente ao pior elemento a responsabilidade do comercio nas Zonas Libertadas sobretudo na Zona de Cabo Delgado. Esta e a nova realidade das Zonas Libertadas e e na definição de como deviam ser construidas que surgem as duas linhas. Uma cujo objectivo na pratica era eliminar os portugueses e substitui-los no processo de exploração e outra era eliminar a sociedade portuguesa e criar uma sociedade sem exploração.

A primeira era representada por Uria Simango, Lazaro Nkavandame, Miguel Murupa, Silverio Nungo e muitos outros; a outra era Mondlane, Samora, Chissano, Marcelino, Jorge Rebelo e outros. Aquilo que nos baptizamos e chamamos de linha revolucionaria da FRELIMO, a primeira das quais a linha reacionaria. Estas duas linhas nao tem manifestacoes so no campo economico como nos vimos. Para que a materia fique clara para todos e na guerra ela propria; e no plano social tambem, nao era so no politico economico, era militar e social. Toda a dificuldade, toda a objecção, toda a recusa da participação da mulher vem deste grupo reacionario. Toda a concepção da guerra que esta fosse feita imediatamente em 1966 nas cidades vinha deste grupo; toda a concepção racista vinha deste grupo para a recusa dos brancos. Simango chegou de fazer em Nachingweia, em 1967, uma reuniao que criou um problema grave. Dizia que isto aqui era terra de Moçambicanos, de pretos, etc. Ele encontrava-se sozinho com os soldados. Mas evidentemente que os outros compqnheiros vieram-nos dizer. Tivemos que fazer uma reuniao muito forte com ele para corrigir a situação.

O processo de luta contra o racismo e um processo longo. Voces sentem isso aqui em 1984. E preciso constantemente martelar mas basta uma dificuldade : "estao a ver estes brancos." Hoje mesmo aqui, se fugir um moçambicano que nao e branco, "e bom fugir", mas se um foge - um branco - e vai para Portugal, dizem: "Esta a ver estes brancos, a gente nao pode confiar neles." E verdade ou nao e? Acontece agora em 1984. E assim que a agente reage. Por isso ha certas tendencias negativas que sao caminhos faceis e que se a gente atica toda a gente vai atras. E preciso muita vigilancia e firmeza ideologica para nao ceder.

Quem avançou comportamentos tribalistas foi este grupo.

No Comitê Central de Outubro de 1966 dissemos: "Nos utilizaremos contra o tribalismo e contra o racismo as mesmas armas que estamos a utilizar contra o colonialismo precisamente por causa disto. Dizer a todos os companheiros que isto aqui é racismo não podemos admitir. Nós compreendemos o nível da população que sempre viveu abafado pelo colonialismo português. Para as populações o colonialismo era branco, o opressor era branco. E isto como manifestação prevalecia no seio da população e essas coisas, não podemos exigir que o nosso povo todo compreenda essas coisas, mas responsáveis não. Para os responsáveis é isto as mesmas que utilizamos contra o colonialismo. Se há algum que andava com brincadeiras de racismo e de tribalismo vai ver, pega com a mesma arma que se luta contra o colonialismo.

Vocês viram a ênfase que foi dada ao papel da mulher na revolução no Congresso de 1968. Foi um combate duro para fazer aceitar o Destacamento Feminino. Dizia-se que a mulher não era capaz. Combate decisivo daí a ênfase. Vão ver o conjunto das decisões do Congresso de 1968, ênfase que foi dada a esta questão do Destacamento Feminino e ao papel da mulher na revolução.

Para esta ala da linha revolucionária esta questão da mulher era para nós uma questão natural, sobretudo muito útil. Se cada um de nós traz a mulher cada um de nós vai arrastar a outra metade do país. Se a mulher não vai também tem que ir puxada. É melhor que ela venha ao nosso lado e assim não somente a gente a puxa mas ela também vai carregar a mochila, vai carregar o "sacudu." Quer dizer para nós a matéria era simples, fácil e visível para as exigências que era preciso fazer bem como facilitar a vida o trabalho e o combate, mas para o resto não era. Pode dizer-se que era a tradição mas sobretudo o instinto de defesa das posições de classe porque era evidente que se tu chamas toda a gente para trabalhar depois eles vão querer ditar as suas ideias. Se tu fazes sozinho naturalmente as pessoas não vão poder dizer ditar as suas ideias. Podemos dizer que é tradição mas é sobretudo instinto da defesa dos interesses de classe que instintivamente o leva a utilizar os aspectos negativos da tradição como instrumento para fazer viver a sua posição.

Portanto, tudo isso está muito ligado. Interesses de classe com a utilização de valores negativos da cultura. Porque para uns a coisa era natural e para os outros não era? São os interesses de classe. Todos nós temos essa mesma tradição. Os interesses de classe é que determinam que uns recusem o que era negativo, aquilo que impedia o avanço e outros antes pelo contrário se agarrassem ainda mais com força a esses valores negativos. Foi essa a razão da ênfase que foi posta na questão do Destacamento Feminino no Congresso de 1968. Aqui as contradições vieram todas ao de cima. Elas vieram antes, exacerberam-se mais. Já tinha havido muitos problemas porque a exploração a que Lázaro submetia a população já tinha provocado muita reacção das populações e, ao mesmo tempo ele tinha formado aquilo que se chama o grupo dos chairman. Não sei se vocês já ouviram falar disso.

Até 1968 temos ainda que se considerar dois aspectos para termos a visão do que foi a realidade da guerra.

Primeiro, as consequências da exploração no processo da guerra realizada pelo grupo do Lazaro Nkavandame. A acção subversiva deste contra o Exercito; contra aquilo que nos chamavamos de DD (Departamento de Defesa). E preciso tambem conhecer muito bem isto porque se traduziu naquilo que se chamou de "chairmen." Esse movimento de "chairmen" foi uma insuficiencia da revolução que e bem preciso com_preender para tambem para melhor compreender o que e o processo revolucionario quando a guerra popular e a tarefa principal ou a forma principal de luta.

Do periodo 1968 para ca tudo comeca a andar em patins de rodas. Os problemas passam a ser de outra dimensao. A contradicção deixa de ser uma parte importante internamente para passar com o exterior, directamente. Quer dizer, o imperialismo em 1969, nas suas forcas internas, tinha sido batido agora ficara a acção externa de Jorge Jardim. Mas este nao esta so, e Bulhosa, bandido armado 1984 e a Africa do Sul. Os agentes do imperialismo nas Zonas Libertadas estavam completamente batido dai os grandes sucessos que foram a Luta Armada em Tete, depois em Sofala e Manica. Depois verificou-se toda uma movimentação na Europa para a guerra parar e, tambem em Africa. Vamos portanto falar desses dois aspectos. Falaremos de 1968 a 1969. Depois vamos entrar no imperialismo que liga agora com 1984. Eu disse Jorge Jardim, Bulhosa bandido armado 1984 mas ha outros elementos em Portugal que voces leram no jornal.

De modo que e isso companheiros, vamos falar disso para chegarmos ao fim disto saber qual e a nossa missao, nossa vossa. Qual e a missao para fazer crescer o socialismo nesta terra? E como vamos fazer para trabalhar e liquidar os bandidos armados. Como obter uniformes, sapatilhas, botas? Como e que os grupos de apoio se devem mover para dar botas e uniformes. Nao se incomodem com as armas sao botas e uniformes. Vamos ali ao centro do Dondo os soldados que estao a treinar nao tem botas nem uniforme. Obrigado camaradas vamos nos encontrar no dia 5.

A MARCHA 1969-1970: RUMO A INDEPENDENCIA

Era preciso falar um bocado, antes de iniciar a marcha 1969/1970 ate a independencia de alguns aspectos anteriores mais concretamente aquilo que ficou conhecido entre nos por grupos ou movimento de "chairman" e acção movida pelo grupo de Lazaro Nkavandame contra o exercito, contra como se dizia na altura, o DD (Departamento da Defesa), para nos vermos estes aspectos e bom recordarmos aquilo que dissemos que a linha reacionaria neste caso a exploração era essencialmente feita atraves do comercio. A exploração que era realizada por Lazaro Nkavandame e o seu grupo contra o povo nao e todo o problema da linha reacionaria. e certo que isso e o aspecto fundamental, quer dizer o objectivo era o de manter o sistema de exploração. E preciso compreender que esta linha se reflete em todos os aspectos da vida e em primeiro lugar, naquilo que era a forma principal de luta: a Luta Armada com a sua concepção de guerra estrategica. Nao se queria uma guerra prolongada, nao. Queriam uma guerra que enfim, durasse o tempo para satisfazer aquilo que se queria. Era uma forma de pressao para levar o governo Portugues a ceder. Nao se pretendia uma guerra popular que permitisse ao povo tomar o poder, e, para isso que estrategia adoptar? Em vez de fazer a guerra no seu processo de desenvolvimento da população quer dizer, desenvolver a guerra no mato, construir as bases do novo estado. E entao o que era preciso fazer? Era preciso ir atacar as cidades ou vilas, no caso de Cabo Delgado era preciso ir atacar Mueda e, isso nos anos 1966, 1967 e 1968.

Portanto havia um determinado objectivo: a construção de um sistema de exploração em que já não são neste caso os brancos, mas os pretos o que implicava também em todo o resto da acção outras maneiras de fazer as coisas: um sobre a concepção de guerra que se opunha a uma concepção de guerra prolongada. Uma estratégia que visava atacar as cidades. Era simplesmente uma forma de pressão e recusando o movimento popular, obviamente tem de recusar o movimento popular. Era esta linha que se opunha ao Destacamento Feminino, a recusa da participação da mulher na tarefa principal que era a Luta Armada e ao mesmo tempo também fazia uma política tribalista e racista.

Isto para vocês verem que uma determinada concepção do que devia ser a independência implicava toda uma série de outras posições desses aspectos da vida. Esta era a ideologia da linha reacionária. Para a materializar Lazaro Nkavandame utilizou as estruturas que nós próprios criamos para o desencadeamento da Luta Armada a partir de 1962. Nós criamos seccões e naturalmente, que através da língua inglesa chamamos "branches." Portanto herança do facto de estarmos na Tanzânia. Como cada "branch" tem um chefe em inglês e chairman então, nós em Moçambique também adoptamos "chairman." Levamos estas formulações para Moçambique. Logo no início da FRELIMO criamos as seccões portanto, os nossos "branches" e tinham os seus "chairmen." Foram todas estas estruturas que realizaram todo o trabalho de preparação das condições para o desencadear da guerra. Fizeram o trabalho de mobilização do povo, fizeram o trabalho clandestino. Como disse companheiros como Raimundo Pachinuapa, Alberto Chipande e o próprio Lazaro estavam lá no interior a fazer esse trabalho.

Portanto, fizeram esse trabalho de mobilização das populações dando tarefas concretas, organizar lugar para guardar as armas, organizar estoques de comida e naturalmente condições quando fosse necessário abrigar para receber os combatentes. Esse trabalho foi feito pelos "branches" e pelos "chairmen." Lazaro Nkavandame era então o responsável da FRELIMO pela região de Cabo Delgado e Nampula.

O trabalho desenvolveu-se muito bem. Desencadeamos a luta e a partir daí quando começaram a surgir as Zonas Libertadas começaram a aparecer o problema da diferenciação das duas linhas. Naturalmente, a noção de duas linhas não apareceu logo em 1964; só a partir das suas manifestações em 1967, 1968 sobre a realidade. Foi, mais concretamente na reunião de Abril de 1969 que a linha foi directamente formulada.

Portanto, Lazaro Nkavandame era o responsável de toda a região de Cabo Delgado e por isso mesmo ele conseguiu um ascendente sobre os outros responsáveis do escalão imediatamente a seguir.

Quando se desencadeia a Luta Armada e no processo do seu crescimento nós dividimos cada Província em sectores: Primeiro sector, segundo sector, terceiro sector, e quarto sector. Mas naquela altura eram os "branches" que estavam directamente ligados a Lazaro Nkavandame.

Um processo cresce no país dentro da organização das massas populares e ao mesmo tempo tínhamos o trabalho que se desenvolvia fora, essencialmente de formação de quadros militares dos guerrilheiros que enviávamos para a Argélia, para a União Soviética e para a China. Quando nós desencadeamos a luta, imediatamente a forma principal de luta passou a ser a Luta Armada. E

em qualquer fenómeno a forma principal de acção comandava o resto, então a luta começou a comandar todo o resto, o que significa isso na prática? Significa que muitos problemas que se levantavam por causa de uma nova situação, a da Luta Armada, a resposta em primeiro lugar quem dava? Quem dava era o Departamento de Defesa (DD), eram os gueirrilheiros que davam.

Desencadeou-se a Luta Armada, então tudo devia convergir para o sucesso da Luta Armada. As acções a fazer, qual era o programa de amanhã e depois de amanhã. Estava nas mãos de quem, na cabeça de quem? As medidas para tornar a guerra vitoriosa, quer dizer, onde construir as casas, quem podia indicar eram os guerrilheiros. Onde fazer as machambas e como organiza-las, onde construir o hospital a resposta era dos guerrilheiros.

O que se produziu na prática?

Dois poderes, o daqueles que estavam lá que eram os "branches" que fizeram todas as coisas, mobilizaram o povo, criaram as condições para a guerra, organizaram os estoques de comida, arranjaram o lugar para guardar as armas e criaram toda a atmosfera para o povo receber os guerrilheiros. E o novo poder de uma nova realidade, novas ideias trazidas pelos guerrilheiros, provocadas por estes ao começarem a dar tiros. Começaram a matar portugueses. Era uma situação que nunca tinha sido vivida, portanto, nunca tinha sido objecto de reflexão por parte dos "chairmen."

Para terem uma resposta as populações já não contactavam os "chairmen", iam perguntar aos camaradas guerrilheiros. Objectivamente, o conhecimento e a ciência, o caminho a continuar era o dos guerrilheiros. Eles e que estavam na acção principal. Os que estavam nos "branches" como não faziam a guerra, como não tinham treinado, então eles não estavam em condições de dominar os problemas de guerra. Começou a haver problemas. Não puderam resolver pacificamente porque o elemento exploração interveio, quer dizer os objectivos já não eram os mesmos. A partir do momento que começamos a ter Zonas Libertadas, os objectivos da guerra eram uns e os objectivos de Lázaro eram outros. Já naquela altura Lázaro tinha interesse em que houvesse uma concertação para as novas tarefas a realizar. Ele como responsável utilizou essa posição para o seu fim que era a exploração. Nos entanto que direcção da FRELIMO deos conta do fenómeno e e por isso que na reunião do Comité Central de 1966 decidimos que todos os membros da direcção dos "branches" tinham que imediatamente fazer o serviço militar. Demos conta do fenómeno, mas já era tarde. A contradição já tinha pegado, precisamente no ano de 1966 quando nos sentimos grandes problemas, grandes dificuldades que se traduziam de uma forma muito simples: o povo recusava-se a dar comida aos soldados. Esta situação apareceu de maneira que não compreendíamos objectivamente. O povo não dava comida. O que se passava? Então conseguimos aqui e ali uma vez duas vezes - e Lázaro que disse para não dar - então começamos a compreender e detectamos todos os problemas de exploração sobre a forma comercial. Nesta acção de Lázaro Nkavandame continha nela próprio e pela força a revolução que provocou a sua própria queda.

Por que o povo aderiu nesta primeira fase, pelo menos durante os primeiros seis meses, porque não foi avante? Porque nesse mesmo momento e que se fazia essa acção subversiva de Lázaro Nkavandame mobilizar o povo contra o DD para recusar a acção principal, recusou dar comida e fazia isso através dos "chairmen." Isto falhou porque ia paralelamente com a exploração do povo.

Nos tínhamos afixados os preços dos produtos que se vendiam nas nossas lojas. Mas a população que também conhecia os preços, via na prática outros preços começou finalmente a ligar esses preços dos exploradores com o Lazaro Nkavandame. E é assim que a partir de Fevereiro de 1967 Lazaro Nkavandame não pôs os pés na Província de Cabo Delgado, porque nessa altura o povo começou a pedir-nos: "Nos queremos falar com Lazaro Nkavandame." Num reunião com o camarada Presidente eles pediram: "Diga lá ao Lazaro Nkavandame para vir aqui que nos queremos conversar com ele." A linha revolucionária é que levou a falha de Lazaro Nkavandame e derrotou a linha reaccionária, porque o próprio povo viu que houve essa acção reaccionária contra a acção militar.

Havia necessidade de vender e comprar coisas. Houve uma maneira popular de fazer isso, afixando os preços dos produtos e dizer a toda a gente, estão aqui os produtos, estão aqui as lojas. De um lado o preço que pedia Lazaro Nkavandame e por outro lado o poder da FRELIMO. Por isso não foi nada difícil a clarificação da situação.

Portanto este era o primeiro ponto. Segundo, o fenómeno do "chairman" como dissemos, foi um fenómeno do desenvolvimento da nossa luta. Se nos tivéssemos uma maior clareza na altura provavelmente teríamos logo em 1962 levado os "chairmen" a treinar e eles próprios teriam participado directamente nas coisas da guerra mas, porque não o fizeram, quando a frente militar avançou eles ficaram uma coisa a parte. A população naturalmente foi regularmente treinada em 1962, 1963, 1964, 1965. Os dirigentes dos "branches" não foram para o treino militar, ficaram fora das coisas da guerra e por isso não puderam dar resposta aos problemas da guerra e porque todos os problemas de Moçambique eram em primeiro lugar, o problema da guerra eles perderam a capacidade de dar resposta aos problemas da luta de libertação. Introduzindo o elemento exploração esses elementos facilmente caíram no problema: "quem manda quem não manda?" Embora gente como o Alberto Chipande nunca fez nada sem falar com os "chairmen" das coisas que ia fazer; mas o problema é que os "chairmen" já não estavam na altura, como se diz, de agarrar os problemas que estavam sendo vividos. Era uma realidade completamente nova. Para "agarrar" esses problemas eles teriam que passar pelo processo do treino militar e político para depois, então com a prática da própria guerra descenderem. Portanto esses são os dois aspectos principais que nos queríamos referir que vão até 1969.

Com esta situação, Lazaro Nkavandame e o seu grupo insistiram muito em que o Congresso da FRELIMO tivesse lugar. Com muita franqueza nos podemos dizer que não tínhamos muita preocupação no Congresso porque as coisas estavam a avançar e nos ainda tínhamos as directrizes do I Congresso. Segundo, é que nos estávamos conscientes de já não fazer sentido politicamente falando de realizar o congresso fora de Moçambique. Se fizermos o Congresso tinha de ser dentro de Moçambique para termos o sentimento de que as coisas tinham validade, quer dizer podíamos dar-nos ao luxo de fazer o congresso fora de Moçambique. Mas sabíamos também a dificuldade de um congresso dentro de Moçambique, por isso não estávamos muito favoráveis a realização do congresso. Mas por outro lado, o grupo de Nkavandame insistiu muito e forçou mesmo que o congresso tivesse lugar mas a preocupação dele era que o congresso tivesse lugar fora de Moçambique. Qual era a ideia que ele tinha de o fazer fora? Se fizesse fora eles seriam apoiados pela Tanzânia e esses Mondlanes e companhia seriam varridos. Nos sabíamos que eles não estavam totalmente errados; de toda a maneira não temíamos nada, porque se tivéssemos dificuldades de esta na Tanzânia, entrávamos em Moçambique e acabou-se a

história, não havia problemas. Mas é claro que nós tínhamos interesse em ter uma retaguarda segura que era a Tanzânia. Mas eles não estavam completamente errados porque havia alguns elementos que estavam com eles e muito dentro deles. Nós sabíamos isso, e tínhamos um certo pressentimento na altura (Marco, Abril, e Maio de 1968), e na base desse sentimento e quando vimos que era muito difícil, porque eles faziam muito barulho e falavam com muitos responsáveis Tanzanianos. Como vos expliquei naquele período de 1962 a 1964 o peso do exterior sobre nós não morreu com o desencadeamento da Luta Armada, simplesmente foi diminuindo mas o facto é que era muito forte. Então, nós dissemos: sim, vamos fazer o congresso. Mas tomamos a decisão de falar com o Primeiro Ministro Kawawa, dissemos-lhe:

- Olhe, nós queremos fazer o congresso aqui.

Ele disse:

- A Tanzânia dá todo o apoio à realização do congresso. Se vocês quiserem fazer aqui façam, se quiserem fazer noutro país qualquer façam onde vocês quiserem. O Presidente Mondlane disse em resposta:

- Ah, nós queremos fazer dentro de Moçambique.

- Oh, se vocês querem fazer dentro de Moçambique nós vamos aplaudir muito bem. Damos todo o apoio.

Era isso que nós queríamos. Congresso dentro de Moçambique queria dizer que já não havia possibilidade de Lazaro Nkavandame manobrar o governo da Tanzânia para o congresso fora de Moçambique. Já tínhamos esse trunfo o resto era só jogar.

Naturalmente, quanto à organização, foi bastante dura. Nós tínhamos de assegurar que ficaria nas nossas mãos. Não estamos a fazer banquete. Tínhamos de assegurar o controlo da realização do congresso no interior; toda a segurança sobre o congresso, lugar, etc. nós tínhamos de controlar. Não o fazíamos ilegalmente, fazíamos porque éramos a direcção da FRELIMO, saber tomar as precauções portanto, a localização do congresso como a matéria de segurança.

Ao mesmo tempo o grupo de Nkavandame organizava-se mas nós recusávamos-nos. Lazaro Nkavandame tinha decidido não participar, os outros também recusavam. Vocês sabem, o congresso teve lugar em Matchedje em Niassa, em Julho. Nós descemos de Dar-es-Salaam de carro e muito naturalmente sem outro pensamento dissemos vamos buscar Lazaro Nkavandame em Mtwara e dali vamos para Songeia e daqui vamos para o lugar do congresso. Toda a gente estava instruída para ir ter a Songeia; Lazaro não nos esperava em Songeia. Quando lá chegamos dissemos: "Ah, vamos embora." Nós não nos demos conta só dias depois e que nós demos conta. Ele ficou completamente desorientado, mas não tinha maneira de dizer "não, não vou." Então entrou no carro connosco e foi a Mtwara. Ai começamos a receber mensagens: "Não devem forçar Nkavandame a ir para dentro de Moçambique, se ele não quer ir façam o favor de o deixar aí."

Se vocês quiserem falar com o Basil Davidson, ele tem todo o dossier sobre isso. Ele foi ao

congresso e estava em Songeia. Simango não conseguiu recusar, foi. Mas Lazaro Nkavandame não nos foi possível leva-lo para o congresso por causa de algumas ligações tanzanianas. É claro que esses elementos foram varridos no ano de 1969. O Presidente Nyerere varreu-os.

Portanto fomos ao congresso e este foi a reafirmação da guerra popular prolongada; reafirmação do Destacamento Feminino; reafirmação da política de clemência, portanto saber como tratar o inimigo e sobre o problema do tribalismo, do colonialismo do regionalismo e do racismo. Esse foi o congresso de 1968. Mas a ênfase foi posta naturalmente sobre este aspecto da guerra popular prolongada e da importância do Destacamento Feminino.

Quando terminou o congresso encontramos uma situação ca fora. A fronteira de Moçambique com a Tanzânia estava fechada até Agosto de 1968. Fizemos a reunião de Mtwara de 7 a 9. Lazaro queria separar Cabo Delgado do resto do país. Nós tomamos as nossas precauções, fizemos trabalho e dissemos ao Presidente Nyerere que queríamos um delegado da TANU para lá estar em Mtwara. Fomos e triunfamos na reunião de Mtwara; então Lazaro Nkavandame desencadeou a acção de assassinios com ajuda das suas milícias. Andaram por aí e foi um desses grupos que assassinou o Khankomba a 28 de Dezembro de 1968 a dois quilómetros da fronteira. Eles andavam a procura também com o curandeirismo, a maneira africana de fazer a zanga.

E finalmente em Maio eles fizeram aquela acção contra os escritórios da FRELIMO e agrediram Mateus Sansão Muthemba que ficou um mês de coma e morreu em Junho e, finalmente, a bomba contida num livro que o grupo deles recebeu em Mbeya e trouxe até Dar-es-Salaam. Isto tudo está muito claro e quem foi a pessoa que, portanto, assassinou o Presidente Mondlane. Foi naturalmente um grande desastre; e como se o mundo se tivesse virado ao contrário. Foram momentos bastante difíceis mas também um momento em que era necessário reagrupar-nos e foi possível fazer isso e, chegamos a reunião de Abril de 1969. Ali tivemos que clarificar a situação. A análise foi profunda e completa. Ali chamamos gato a um gato, cão a um cão, não havia contemplação. Por isso foi produzido um documento - As duas linhas no seio da direcção da FRELIMO - e criamos aquilo que era o Conselho da Presidência. Foram eleitos o camarada Presidente Samora, Uria Simango e eu próprio e nós dissemos certamente assim: "que punhamos lá o Simango mas que ao lado dele estava Samora e Marcelino porque estamos seguros que Marcelino e Samora iriam assegurar a defesa da linha revolucionária. Dissemos ao Uria Simango para ficar bem claro que a única razão que nos levou na altura a mantê-lo foi a de precisarmos testar exactamente qual era o grau de credibilidade que ele tinha no nosso povo e não no seio dos guerrilheiros. Aí não havia problemas nenhuns. Segundo, quais eram os aliados que eles tinham no exterior. O exterior também desempenhava um papel importante e foi por isso que mantivemos Simango.

Noutro dia, em Nachingwea depois da reunião do Comité Central quando anunciamos quem tinha sido eleito, houve muito alegria para Samora e para mim próprio, mas para o Simango silêncio no seio dos guerrilheiros até que perguntamos, porque? É preciso saber fazer trabalho político. Ninguém aplaudiu Simango ali em Nachingwea. Nós dissemos: okay, as coisas vão bem.

Começamos a ver, no exterior, umas forças a moverem-se. Apertado, Simango produziu o documento dele - _Gloomy Situation in FRELIMO- (triste situação no seio da FRELIMO), e isso

mais ou menos.

Tres de Novembro de 1969. Entao ali nos resolvemos o problema. Ainda houve uma reuniao do Comite Central de Liberta,ao em Janeiro em Arusha. Simango este la, mas o Comite de Libertação po-lo de parte. Ja tinhamos tido o congresso de 1968 e a credibilidade no exterior da Direcção da FRELIMO ficou forte, quer dizer, as pessoas de Mondlane, Samora e eu ficou uma coisa clara ja nao havia aquelas intrigas, aqueles boatos por isto e por aquilo. De modo que em Novembro de 1969 Simango faz o seu documnto e depois com a reuniao do Comite de Libertação aquilo foi o fim para o Simango. Em Maio nos temos a nossa reuniao do Comite Central, de novo as presidenciais, Samora e eleito para Presidente eu proprio para Vice-Presidente. E a partir desse momento que nos dissemos:

"Agora estamos internamente saos, agora podemos concentrar todo o nosso esforco no combate contra o colonialismo." Face a nos ja so estava o colonial fascismo. Os seis agentes internos tinham sido completamente liquidados. A direcção da FRELIMO era monolitica, coesa, unida mas por causa de todas as dificuldades que vivemos o inimigo tinha-se preparado para desfechar o golpe. E precisamente no momento em que nos aparecemos firmes e fortes que ele desencadeia a grande operação "No Gordio."

A operação "No Gordio" foi em principio, dura para nos mas depois ultrapassamos e atravessamos o Zambeze na Provincia de Tete para o Sul no momento em que decorria a operação "No Gordio", chegamos l'a a fronteira com a Rodesia, criamos as condicoes para que os nossos companheiros do Zimbabwe agirem directamente no seu proprio territorio. Mas a partir desse momento, a Africa do Sul ja se tinha desenvolvido no seu processo de cobertura de Portugal em Moçambique. A definição de posicoes nao era objectivamente falando do dominio dos portugueses. Ja era claro que o inimigo sentia e reagia a orientação revolucionaria da FRELIMO. A Africa do Sul apresentava-se como um grande bastiao. Primeiro, queria que nao descessemos ao Zambeze depois tentara ver outras hipoteses como fechar a partir do Limpopo mas isso ja nao dava. Entao apareceu Jorge Jardim com orientação de criar, atraves de gente que vinha falar connosco ele dizia:

- Ah, voces la de fora.

Mas aqui dentro, perguntavamos a eles, - nos quem? -

Quer dizer, tentava provar uma identificação entre a FRELIMO e as forcas deles como sendo forcas nacionalistas. A base dele era aqui em Sofala.

- Nos e voces, voces quem?

Ele queria fazer aqui a Rodesia, o UDI mas e claro que isso nao deu, falhou, tinha de falhar. E e precisamente nesse momento que tentam toda a acção de Ian Smith ver se conseguem algum sucesso na propria Provincia de Tete mas nao conseguiram. Rodesia agiu ali.

Nessa altura, a marcha estava bastante rapida e bastante acelerada. Foram esses desenvolvimentos rapidos e acelerados que levara o desagregar do Exercito Colonial Fascista

portugues e ao aparecimento do Movimento das Forças Armadas dos oficiais portugueses. Porque aqui tudo se quebrava. Já não havia base sólida.

Essas grandes acções realizadas pelo nosso Exército colonial português. O próprio facto de que os filhos dos grandes interessados na guerra já se recusavam, escapavam-se a guerra. De modo que os oficiais que iam para a guerra eram aqueles liberais. Os filhos dos grandes recusavam, então, eles próprios pela sua própria dinâmica e lógica interna sepultaram as bases para poderem desenvolver-se e isso contribuiu para o desagregar do colonialismo português mas permanece que a grande lição que os oficiais portugueses foi toda a política materializada pela FRELIMO; pelo MPLA e pelo PAIGC. O trabalho, a política levado a cabo pelas nossas organizações e que serviu de educação política para os oficiais portugueses. Os sucessos obtidos por nós e que levou a compreender, a ligar a nossa política com a realidade concreta para fazer sentir que não havia outra solução senão a liquidação do próprio fascismo em Portugal. Portanto no que diz respeito ao processo de crescimento da revolução Moçambicana o processo de 1970 a 1974, 1975 já não tem muitas complicações, quer dizer, já tínhamos resolvido o problema da revolução. O resto era mais armas menos armas, crescer militarmente.

Em 1970 o grande desenvolvimento da luta armada e nós não pensávamos que as coisas iriam parar em 1974. Os nossos projectos iam para além de 1974. Bom, mas parou a guerra de modo que chegamos a independência. E esta é a história, os acontecimentos, os aspectos principais, o significado dos acontecimentos da nossa luta armada de libertação nacional. São estes os aspectos de fundo.

Depois, nós tínhamos três aspectos que falar sobre: a realidade da luta contra os Bandos Armados; tínhamos esta nossa história e tínhamos depois eu dentro de tudo isto, não é verdade?

Agora vocês há-de-querer fazer umas perguntas e eu vou passar a segunda parte do trabalho contra os Bandos Armados que é uma continuação, como dissemos outro dia ligamos Jardim com Bulhosa. Portanto aqueles que não foram capazes de suportar a independência de Moçambique fariam qualquer coisa. Esses fugiram para África do Sul, foram a Portugal, foram para o Brasil e foram para vários lugares mas não para desistir do combate mas para se reorganizar. Ficaram um pouco de tempo para ver se esta independência seria aquele que eles pensavam que ia ser ou seria diferente então e todo o período que vai do fecho das relações com a Rodesia que eles começam a construir planos para ver como recuperar aquilo que tinham perdido no terreno da guerra. Fizeram todo o trabalho depois de todo o colonialismo português ter sido liquidado aqui. Então a acção fizeram através da Rodesia de Ian Smith. A nossa preocupação foi de apoiar ao máximo o movimento Zimbabweano e fizemo-lo. Ian Smith foi derrotado. Mas no processo da sua derrota criaram outros mecanismos para continuar a agressão contra Moçambique.

Penso que todos vocês sabem que os Bandos Armados foram criados já no tempo de Ian Smith quer dizer esta nova forma de agressão foi ensaiada no tempo de Ian Smith. Nós dizíamos que isso está dentro da lógica do inimigo. O inimigo vai sempre procurando novas formas de agir, novas formas de agressão. O inimigo está a fazer o trabalho dele. Bom, e o trabalho dele. E a realidade objectiva historicamente falando, e que há o imperialismo, e que há inimigo da revolução de modo que é a realidade objectiva. Que o inimigo faça o seu trabalho, o que nós

deve espantar? O nosso valor e a nossa qualidade e esta nao se mede pela nossa capacidade de gritar: "ah, ladrao, ladrao, ladrao!" Nao e isso ou "Bandido, Bandido!" O nosso valor nao se mede atraves disso, a nossa qualidade nao se mede atraves disso, mas na capacidade de liquidar o Bandido Armado, ai e que se mede a nossa qualidade.

Portanto, quanto ao trabalho do inimigo o maximo que poderiamos dizer e que talvez o que pudessemos considerar anormal e que o imperialismo existe em 1984. Bom. Mas o facto e que existe! E uma realidade historica e a nossa responsabilidade e liauidar o imperialismo. Por isso o inimigo inventou novas formas para prosseguir o seu trabalho de agressao a Moçambique. Era preciso fazer curvar a Republica Popular de Moçambique.

No processo da luta do Zimbabwe os americanos, mesmo o Andrew Young disse: "Nao vamos aceitar men mais Moçambiques nem mais Angolas, nao queremos." E isso referente ao Zimbabwe.

Cada um diz o que quer e o que pode, depois tem que saber fazer, saber materializar. Voces lembram-se que o Kissinger disse: "Nos vamos inundar o Zimbabwe com bilioes de dolares. Bom. Podem inundar, esse e o problema deles. O que nos temos que fazer e continuar a revolução. Mas e um facto que estamos a combater ate 1974, julgavamos que ja estava a chegar o tempo de paz depois comeca com Ian Smith fazendo guerra. Quando acaba o Ian Smith, a gente disse: "Oh, sim. Agora ja chegou a paz. Zimbabwe independente agora vamos ter paz."

Mas ainda nao era tempo de paz. E por isso nos organizamos, criamos forcas de estado independente como se diz, nao e? Mas nao soubemos levar o processo revolucionario ate o fim. Faltou-nos a organização militar do povo, extensiva. Voces ja devem ter ouvido em entrevistas alguns companheiros a dizer que nos fizemos tudo bem, tinhamos as aldeias comunais mas esquecemo-nos do treino militar.

Quando os Bandidos Armados chegavam as cinco e as seis faziam barulho com a arma e pumba! Ai e que falhamos companheiros. E em história e preciso saber pagar os erros, falhas ou insuficiencias, como quiserem, mas isso e que falhamos.

Voces sabem que a curva de desenvolvimento em 1980, 1981 estava bastante positiva mas esquecemos disto. Mas agora nao nos esqueceremos ate ao ano 2000, 2050, enquanto houver imperialismo nos nunca mais vamos esquecer.

Portanto o trabalho da luta contra os Bandidos Armados e o trabalho de organizar todo o povo politica e militarmente. E preciso armas porque tres ou quatro bandidos sao capazes de por um explosivo na linha de alta tensao e rebentar e fica a Beira sem luz. Agora como fazer isso? Vao por o exercito ai? Organizar a população toda do Rovuma ao Maputo. Toda a gente com arma e vigilancia permanente 24 horas sobre 24 horas e a unica maneira de a gente sobreviver.

Penso que voces sobre Cuba devem ter visto filmes. E preciso quando a gente diz que e preciso pentear andar no mato se encontra mosca mata, se encontra rato mata, se encontra bandido armado mata. E preciso fazer isso. Muitos companheiros disseram-nos: "ah, voces tinham aldeias comunais mas esqueceram-se... agora nao nos vamos esquecer mais.

Qual o significado politico mesmo com implicacoes sociologicas?

Em 1970 nos dissemos levar as contradicoes internas ao maximo. Foi a clarificação da confrontação. Os dados estavam abertos sobre a mesa. Fazer este mesmo trabalho para promovermos o desenvolvimento da nossa revolução, temos que desenvolver simultaneamente varios valores. Primeiro, e o valor Nação e o valor Patria, o processo de organização da população e por um lado o trabalho militar por outro lado. O trabalho de produção de uma riqueza maior, quer dizer elevar o nivel de vida da população, leva-la a deixar a ideia geral de que eu preciso comer, preciso um pouco de roupa. Leva-la a dizer: "eu preciso comer mais e melhor, eu preciso vestir mais e melhor, eu preciso escola, eu preciso estudar, levar este crescimento deste nivel material a raiz de um processo de cada vez mais apurado de riqueza juntamente com o trabalho militar sao as accoes necessarias para nos consolidamos o sentido da Nação e o sentido da Patria. Dentro disto apareceu o problema da formulação correcta deste processo que estao contidas nas consideracoes do iv Congresso e que nos leva a ver como e que os diversos aspectos se ligam. Ao fim e ao cabo sao os caminhos naturais para o nosso crescimento.

Voces sentiram a forca, a enfase que foi dada por um lado ao sector familiar e por outro lado aos pequenos projectos. Nos tinhamos dado grande enfase ao desenvolvimento das Aldeias comunais, como sabem a noção das aldeias comunais nasce do Rovua ao Maputo ja como uma perspectivação da nossa independencia. Era preciso fazer crescer as cidades do Maputo, as bases os alicerces e os fundamentos das cidades seriam precisamente as aldeias comunais. Aldeias comunais para fazer nascer as cidades do mato sao formulacoes que aparecem na viagem do camarada presidente Samora de 24 de Maio a 23 de Junho de 1975, do Rovuma ao Maputo.

Entretanto voces viram a enfase que fazemos no sector familiar e nos pequenos projectos. Nao eram coisas novas mas foi necessario fazer subir a superficie com mais contundencia. Agora liguem estes factos com a maneira como a guerra de libertação se fez no nosso pais. Porque e que comecamos a fazer a guerra no mato, porque nao fomos comecar na cidade? E preciso ligar todos esses factos e essa maneira de olhar a realidade e interferir nessa realidade e dita a sua evolução.

E que se nos fomos para o mato, alguns poderao dizer: "ah, voces seguiram Mao Tse Tung, porque nao foram com Lenine para as cidades?"

O problema e a dificuldade e que nos seguimos o nosso caminho e e dificil de explicar que nao seguimos os caminhos dos outros porque muita gente pensa que se uma coisa foi feita num pais de uma maneira e noutro pais de outra maneira, todos aqueles que vierem depois terao de fazer como eles. E porque estao a seguir, nao estao a definir os seus proprios camihnos e nesse processo inventar uma identidade, nao estao a copiar. Nao e facil pensar que nos tambem inventamos o nosso caminho, mesmo que o nosso caminho tenha semelhancas com o chines comecamos a guerra no mato. Mas e preciso aceitar que nos temos a nossa propria personalidade e que somos capazes de inventar um caminho proprio. Se nos fizemos a guerra no mato, ha muita diferenca entre a maneira de fazer as coisas em Moçambique e a maneira de fazer as coisas na China, mesmo durante o processo da guerra revolucionaria.

Agora e preciso, como já temos muitos anos de recuo, podemos agora olhar a história com certa distância. E preciso perguntar mas qual e essa ligação entre o começar a guerra no mato e essa ênfase no sector familiar e nos pequenos projectos e as aldeias comunais.

Nos devemos dizer assim: "realmente estamos a caminhar caminhos novos." Em Moçambique nunca ninguém fez revolução e muito menos socialismo, somos nós que estamos a fazer. O socialismo é uma coisa que existe desde 1917, e verdade, mas aqui em Moçambique não existe.

Qual é a coloração? e mais encarnado? Um pouco mais rosa, ninguém sabe. Estamos a dar a cora agora. Se é mais quadrado, se é mais circular ah, ninguém sabe, nós estamos a dar forma; se é mais achatado, mais curvilíneo mais rectilíneo nós estamos a dar a forma agora. Não há mais ninguém que possa vir dizer o que realmente deve ser esta revolução que fazemos! O carácter Moçambicano do socialismo só nos é que podemos dizer um retrato nosso, com cara nossa.

O que faz encontrar estes caminhos? Quando estamos a avançar para objectivos novos não se sabe muitas vezes qual é o caminho mais curto. Mas o importante é assegurar a tendência fundamental, a essência da revolução. Se tem realmente revolução, não há problema. Podemos ir assim, seros puxados para a esquerda mas depois volta ao movimento; pode ser puxado para a direita mas volta para o ponto inicial. Basta que a essência esteja lá. Quanto maior for a essência então o pêndulo é menor, quer dizer os esforços negativos são menores, quanto mais forte for a qualidade da revolução. Se nós fomos para o mato fazer a nossa guerra e porque ali era realmente a base a plataforma em que nós nos sentíamos a vontade.

As bases para a consolidação da revolução socialista no nosso país: levar ao desenvolvimento do sector familiar para as formas cada vez mais colectivas quer dizer, para as formas associativas, de defesa mútua, para as cooperativas até não sei em que ano teremos isso em formas de empresas estatais, forma socialista superior de organização socialista do trabalho.

Portanto, estes factos que estão acontecendo no nosso país provam a força da nossa revolução e porque é revolução somos capazes de reencontrar de reinventar sempre o caminho popular. É preciso saber pagar o preço das falhas e das insuficiências. Bem, assumamos essa responsabilidade, não é porque fizemos um erro ontem, vamos com ele até acabar. Nós já passamos esses períodos, esses pensamentos, essa maneira de fazer a nossa vida. Não é porque pecamos ontem temos que pecar amanhã, temos que carregar a cruz, oh, o que é isso. Sabemos olhar para aquilo que fizemos, aquilo que nós fomos e reconhecemos isso. Vamos reconhecer lá reconhecer isso e corrigir isso e avançar. Sabemos que mesmo o caminho correcto que queremos construir hoje contém certamente uma margem de insuficiências. Bom e depois? Estamos conscientes do que devemos esperar não é ser perfeito hoje, mas sim simplesmente ser capaz de fazer o trabalho e se erramos reconhecermos o nosso erro e corrigirmos e mais nada. Progressivamente criar os mecanismos para diminuir as margens de erro.

De modo que o trabalho que estamos fazendo agora para liquidar o Bandido Armado e preciso organizar o campones disperso como ponto fundamental para colmatar todas as brechas por onde o Bandido Armado pode passar. E isso diz bem com as exigências do crescimento da base material do socialismo. É preciso desenvolver e então quando a gente vai organizar o campones e

preciso melhorar a sua organização, mais um pouco de ciencia, mais um pouco de tecnica. E isto que nos faz acreditar que esta nossa analise esta correcta porque tudo da em revolução. E que ao fazermos mais trabalho para desenvolver mais roupa, mais comida estamos a fechar qualquer brecha de qualquer acção do imperialismo.

Agora e o Bandido Armado. O colonialismo ja morreu nos vamos liquidar o Bandido Armado. Isso e evidente. Mas seria por isso que nao haveria mais agressao contra o nosso pais? Ah, e mentira! Ha-de haver outras formas, cabe a nos preve-las.

Fomos ao Nkomati e agora querem-nos destruir na base economica. Entao aparecem os Bulhosas, esse bandido armado do Evo Fernandes ja fala em termos de... Agora os proprios Sul Africanos dizem que o Evo Fernandes e portugues, etc. Para eles como assinamos o Accordo de Nkomati a logica do Nkomati e devolver as propriedades que nos temos. Nos fizemos a guerra precisamente para acabar com a exploração do homem pelo homem. E aquilo que pegamos, pegamos. Se quiserem que venham buscar com armas tambem. E o que eles estao a fazer. Nos vamos liquidar os Bandidos Armados mas nao vai acabar a agressao imperialista, hao de encontrar outras formas. Mas isso, digamos, e a vida da revolução: enfrentar, defender-se contra todas as agressoes imperialistas. Hoje o mundo socialista e muito forte do que era antes, nao pararam as agressoes. Novas vitorias tivemos: vitoria de Cuba, tivemos a vitoria aqui de Angola, tivemos a vitoria do Vietnam, tivemos a vitoria da Nicaragua, hao-de vir outras victorias e havemos de caminhar para sucessos cada vez maiores.

Mas nesta revolução e preciso compreender estes factos que estao acontecendo aqui na Republica Popular de Moçambique. Nos sentimos que sim, esta revolução e revolução. Nos estamos engajados vamos fazer esta revolução: organização politica e militar do povo do Rovuma ao Maputo. Temos grandes problemas de armas e uniformes, de botas mas por isso eu disse a voces: estamos nesta realidade qual e o papel de cada um de nos. Trabalhamos juntos durante a guerra. Países como a Holanda. Este Pais foi o primeiro com quem a FRELIMO assinou um acordo. Países que afirmaram, durante a guerra, posição clara face a FRELIMO foram: A Holanda e todos os países nordicos. Era a Suecia, a Finlândia, a Dinamarca, a Noruega e a Islandia. Noutros países europeus nos tinhamos as nossas bases. Eles toleravam-nos, outros barravam- nos. O governo Ingles foi muito complicado mas os outros governos enfim, como o Italiano fizeram as suas guerras internas mas nao reconheceram a FRELIMO. O Brasil nao reconheceu a FRELIMO. Voces devem estar recordados desses países todos nao vieram a independencia da FRELIMO. Mas com os estado Moçambicano vamos estabelecer relacoes entao voces viram as festas do Estado Moçambicano. O unico que conseguiu furar isto foi o ingles. Estes conseguiram vir a independencia porque eles utilizaram alguns dos nossos amigos. Madame Judy Hart. Ela veio falar connosco nas vesperas da independencia. O camarada Presidente Samora riu-se, riu-se e disse: "Venha la entregar no dia 25 de Junho." Foram os unicos desses países que nunca reconheceram-nos durante a guerra que conseguiu furar.

Portanto, companheiros e este o trabalho contra os Bandidos Armados. Temos que continuar com esses trabalhos insistir: mobilização, mobilização, mobilização. Voces viram, as pessoas tinham muito medoda guerra, insistimos. Agora esta a morrer o misterio. A guerra nao e uma coisa facil, nao e?

De modo que temos qinda que continuar com a mobilização do povo. Por isso se voces perguntassem: "o que agente deve fazer?" Eu diria:

- Dem-me armas, uniformes e botas - palavra se voces me perguntarem - O que prefere comida ou botas? Eu responderia - Quero botas.

Agora quais sao as vossas perguntas companheiros?

Ha todo o pormenor do desenvolvimento da luta contra os Bandidos Armados aqui em Sofala. Tinha de descrever todo o processo do combate para a reabertura da linha. Ha todos esses pormenores que voces terao que aproveitar as diversas entrevistas que os comandantes dao a informação. Facam favor quais sao as vossas perguntas?

P. - O Senhor dos Santos disse que preferia botas...(inaudível o resto da pergunta)

R. - Mas por enquanto ainda ha pessoas para fazer a guerra...

P. - continuação da replica (inaudível)

R. - Que todas as coisas sao melhores, sao o ideal mas nos dizemos que e preciso fazer opção, prioridade: e Chibabava, e Gorongosa, Maringue. Retirar parte da comida da Beira para mandar para ali e preciso fazer opcoes companheiros. Se eu tenho comida vou dar ao soldado os outros ficam para depois, e preciso ter corajam ao dar-se as opcoes. Naturalmente que se temos tudo, se temos todos os meios tanto melhor, se e preciso fazer opcoes: da botas e uniformes. Agora se voces me disser assim: -se voce quer dois milhoes de unifores e um milhao em comida. Ah, isso esta bem, eu concordo. Mas so voce diz tenho 50 mil uniformes ou dou-lhe... nao, nao. Eu quero os 50 mil, nao preciso de reconverter.

P. - O que eu quiz dizer e que tqmbem tem de se garantir a alimentação...(inaudível)

R. - Sim. O que voce diz e teoricamente muito bonito.

P. - Sim. Eu penso que a posição do senhor Dirigente foi se desse alternativa a FRELIMO...(inaudível)

R. - O que ele diz e correcto. Mas nao ve, entao se ele nao ve qual e problema? Vamos tentar matar a duvida, se ele continuar a nao ver o que eu vou fazer? Ele pergunta se ha, eu digo que ha. Ele diz que nao ve. Vamos la mostrar.

Nos durante a guerra tivemos paises como os nordicos que nos diziam: "N_os nao podemos dar armas." Mas companheiros vamos la ser francos toda a comida quenos davam nao teria valido para nada, seria zero.

Quando nos temos uma tarefa principal e preciso saber o que e principal; e preciso definir o que e principal. O que vale ter machamba, produzirmos muita coisa se o Bandido Armado entra e leva. Terceiro, nestas coisas e preciso sentir o processo quotidiano da vida e preciso viver esse

quotidiano para sentir e então na realidade concreta sentir essa medida. Eu estive a dizer aqui: olha, nós estamos neste processo, vamos agir sobre o sector familiar para organizar com o objectivo político, claro para ele desenvolver mais. Mas para irmos desenvolver esse trabalho foi necessário dirigir o que é principal e então agir sobre o principal para poder fazer também o secundário reviver, como o secundário da produção de uma machamba, de uma serração havia de viver se nós não fossemos fazer o trabalho da guerra para reabrir a linha aqui.

De modo que levar os barcos de pesca para fazer a guerra numa decisão de fundo tomada pelo Governo da Província de Sofala era uma posição correctíssima. Ela está conscientemente tomada e as suas implicações todas estão conscientemente medidas e isso porque? Porque e que eu digo assim? E porque é preciso que você estivesse nesse quotidiano para poder realmente sentir e viver certas coisas que parecem ser imperceptíveis. E se eu não lhe dou uma resposta categórica você vai continuar a transportar a sua dúvida lá fora. E por isso que eu estou a dar uma resposta categórica firme, está a perceber psicologicamente a razão da minha acção e para agir sobre essas margens que pela reflexão você não foi capaz de liquidar e como não está a viver as coisas não pode matar a dúvida. Agora com a violência da minha afirmação você vai sentir as margens de dúvidas que ainda persistem em si e a maneira de ser de estar que é sua. Você tem algumas dúvidas. Como você não vive a acção ela própria, você tem dificuldade de manter a acção ela própria. Por um lado reflexão própria, então eu tenho de entrar com a violência da minha palavra para fazer o tal esforço compensador para você ter o equilíbrio correcto sobre a realidade que se está a passar.

Portanto há uma clareza sobre a acção que deve ser levada a cabo sob o ponto de vista militar e sob o ponto de vista económico. Alias, a discussão sobre esses problemas sejam sentidos de uma maneira popular. Nós levamos meses e meses para explicar o problema da guerra o que significava a prioridade. Porque uma coisa era prioritária em relação a outra? E depois do trabalho de meses de explicação a nível de toda a Província só em Fevereiro e Março deste ano que levamos ao Comité Provincial em seguida, para a Assembleia Provincial para fazer passar sobre uma forma de decisão. Fazer trabalho político explicativo durante mais de seis meses para depois para depois passar sob forma de orientação e de lei finalmente. Estão a compreender? Temos que convidar todo o povo para ficar aí em todas as linhas de Alta Tensão, garantir-nos isso para fazer face aos cortes. Ponham as vossas perguntas camaradas!...

P. - A agricultura é a nossa base de desenvolvimento mas qual é a base do ensino que estamos a dar às nossas crianças. Vejo que a disciplina de educação política começou a desaparecer em 1980. Em 1981 ainda existia nas escolas secundárias, em 1982 desapareceu e nunca mais... Eu penso que era um trabalho importante para a formação do homem novo.

Alem disso, vejo que o tipo de formação que estamos a dar e para o aluó que vive nas cidades e não há nada de agricultura que é a base do desenvolvimento do país. Acho que é muito bom que criemos nas nossas crianças a ideia de que o campo é a base do nosso desenvolvimento mas estamos a formar com base na vida da cidade. Para eles a vida do camponês e a de um cidadão de segunda categoria. Eu não sei. O Novo Sistema (de educação) ainda não está a encerrar bem este problema. E isso acontece em todos os países em vias de desenvolvimento que só criam funcionários públicos, homens que não querem trabalhar com as suas mãos. Eu vejo que aqui em Moçambique está a acontecer a mesma coisa apesar de o Partido querer fazer outra coisa.

R. - Não, eu acho que você tem toda a razão em muitas coisas que está a dizer mas é preciso corrigir isso. É preciso sermos capazes de recassar muitas insuficiências que ainda recebemos, ainda não estamos livres disso. Por exemplo nesta fase que nós queremos o desenvolvimento da cooperação com muitos países que fazer grande esforço para só apoiar o sector privado, a revitalização do sector privado. É claro que nós entendemos a intenção mas temos que levar isso como exemplo simplesmente para sentir que ainda não estamos completamente ao abrigo das influências estrangeiras.

Por exemplo, em Maputo eu conheço elementos de embaixadas que foram à procura de pequenas empresas para revitalizar as empresas privadas e, quando a gente fala de cooperativa não se preocupam com isso. De modo que essas influências agem na economia e nós ainda temos muitas insuficiências neste campo de educação, para levar a educação realmente a ser aquilo que ausermos que seja o reflexo, o espelho daquilo que nós queremos que seja o estado como nosso. Portanto essa sua observação eu acho que é correcta mas o que nós devemos realmente fazer o esforço que estão a fazer. É preciso dizer vamos lá para o campo como diz o Sam Munguana. Quando dizemos vamos para os distritos, este é o sentido da Operação Produção; este também é o sentido quando nós dizemos vamos lá eliminar o que há de improdutivo no seio do aparelho de Estado e nas empresas, não é? Agora na medida em que nós formos capazes de ir para o campo seremos capazes de introduzir na própria educação algum elemento importante sobre as zonas rurais para fazer sentir que este trabalho é correcto e os passos que estão sendo dados visam eliminar as insuficiências.

P. - Muitos grupos de solidariedade para com Moçambique tinham certas dificuldades de compreender o Acordo de Nkomati. Passado algum tempo esta incompreensão passou porque compreendeu-se que o Acordo de Nkomati era necessário para concretizar a paz acabando com o apoio da África do Sul aos Bandidos Armados, etc. Isso foi bem compreendido. Mas a seguir esse objectivo de acabar com os bandidos vieram os assuntos de cooperação económica com a África do Sul que foi para mim o elemento mais difícil de compreender que Moçambique deva cooperar com a África do Sul em todos os domínios económicos, nesta altura em que uma grande parte do mundo está engajada a fazer o boicote internacional contra a África do Sul para acabar com o Apartheid estamos a ver a cooperação económica a se desenvolver com a África do Sul. Criam-se empresas mistas. Os agricultores Sul Africanos vão ter terras em Moçambique, eu não compreendo tudo isso, podia tentar explicar-me?

R. - Quer dizer, aqui nós também temos que saber considerar o que é fundamental e vermos aquilo que é secundário. Mas para compreender melhor esta situação é preciso ver o que foi a nossa realidade face à Rodésia do Sul. Quando nós instauramos o Boicote, quando fechamos a fronteira nós sabíamos que íamos suportar dificuldades. Para vossa informação os três primeiros anos as perdas sofridas por Moçambique eram duzentos e vinte milhões de dólares no primeiro ano; cento e setenta milhões de dólares no segundo e cento e setenta milhões de dólares no terceiro ano. Estas avaliações foram feitas pela Organização das Nações Unidas. E nesta base, nos três anos seriam quinhentos e sessenta milhões de dólares que Moçambique perdera. Nessa base foi apresentada a solicitação aos estados membros para apoiar Moçambique por este boicote para Moçambique poder enfrentar as dificuldades enfrentadas na implementação da resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas tomada em 1968.

Qual foi a resposta da comunidade internacional a isso?

O que posso dizer e que o total desses três anos nos recebemos mais do que setenta a noventa milhões de dólares. A República Popular de Moçambique suportou o peso do boicote das Nações Unidas a Rodesia. Nós fizemos e era preciso saber aguentar, mas seria correcto e sobretudo possível que a República Popular de Moçambique sofra todos os pesos dos boicotes a África do Sul? Qual o papel que a comunidade internacional desempenhou para permitir a Moçambique de suportar o peso do boicote e mesmo vocês sabem que todas as infra-estruturas portuárias e ferroviárias existentes em Maputo foram confeccionadas para servir a África do Sul e para servir um pouco a Rodesia. Qual é a contribuição da comunidade internacional para permitir a Moçambique fazer face. Vocês veem os nossos soldados só para combater os bandidos armados onde estão os uniformes, onde estão as botas?

De modo que é preciso saber o que é útil fazer para triunfar a revolução. É claro fazer actos heroicos grandiosos mas a revolução destruída, e preciso saber como se defende uma revolução, quais são os caminhos que se devem percorrer para a defesa da revolução?

Vocês viram os Estados Unidos intervirem em Granada. Quem é que levantou o dedo? Muitos países falaram mas quem é que foi dizer aos Estados Unidos "-olha, sai daí!" Quem foi? Eu pergunto. Todos nós vimos o descer da economia nacional de Moçambique e a África do Sul a cessar de passar pelos nossos portos. O nível de trabalhadores que ia para a África do Sul reduziu drasticamente pela própria África do Sul. Nos nossos projectos tínhamos a nossa maneira de fazer reduzir os nossos trabalhadores.

Dentro deste contexto quem veio dizer Moçambique está aqui, vamos avançar em conjunto para o nosso desenvolvimento. De modo que é preciso dar resposta a estes problemas para podermos compreender porque é que nós temos que fazer isto. Estas infra-estruturas viviam de turismo. Quem fazia turismo aqui? Eram os sul africanos que faziam turismo em Moçambique. Turismo para o alto mar, turismo para o "camping." Quem é que ia para a Santa Carolina? Quem é que ia para Pomene?

O nosso ponto é este. Tivemos o fecho das fronteiras com a Rodesia quem veio realmente. Nós dissemos às Nações Unidas. Organizamo-nos para receber o apoio. Nós dissemos mais comida. Queremos mais apoio para a realização dos nossos projectos. Quem é que veio dar? Só vieram quando nós formamos a SADCC, quando viram que o envolvimento da cooperação aqui então vieram. De modo que estamos aqui. Quem foi dizer aos soldados sul africanos vão embora porque senão mando os meus soldados para correr convosco. Estão ainda ali os soldados sul africanos em Angola. Quais os países que deram armas e mais armas aos Angolanos. Onde que estão esses países? Eu só conheço a União Soviética. Mas quando Cuba e a União Soviética vão, começam logo a gritar. De modo que é preciso saber as coisas. Caminhos de ferro. Quem utiliza os caminhos de ferro? Se a África do Sul não os utilizar? Nós estamos a fazer guerra para fazer passar o tabaco do Zimbábue por aqui e não pela África do Sul.

De modo que é preciso saber que para fazer uma revolução, só é uma revolução quando sabe

defender-se, quando sabe manter-se de pé. Ter ideias belíssimas que o Chile tinha, o Chile de Allende tinha também. Mas falhamos ali também, temos de ser vigilantes. A revolução espanhola também ficou.

Nos queremos ser heróis de preferência vivos. Depois de uns anos vão fazer uma campanha e dizer: "morreu aquele, fez aquilo." Fazer uma revolução não é uma coisa linear.

Eu compreendo que seja difícil compreender. Bom, mas isso também resulta da nossa capacidade (moçambicana) de explicar; mas também resulta da capacidade de vivência que se possa ter desses fenómenos. Nós dissemos aqui, no primeiro encontro, que era muito difícil ao mundo compreender a realidade daquilo que se estava passando nos anos 1962, 1963, 1964, porque aquela gente que falava lá fora gritava muito e os jornais publicavam e as pessoas acreditavam no mundo e porque? Porque nós explicávamos o que estava vivendo em Moçambique. Foi necessário falar duas vezes, três vezes, pouco a pouco para as pessoas irem compreendendo. Quando nós falávamos de Zonas Libertadas, este conceito foi uma coisa completamente nova foi necessário explicar. Como aceitar que um povo como o Moçambicano era capaz de criar novo estado na guerra contra os colonialistas portugueses tanto mais que essa concepção embatia contra aquilo que era a concepção que reinava em muitas Europas sobre a capacidade do homem africano.

Deixar nos povos da Europa que sim estava-se em 1965, 1966, 1967, 1968 a construir um estado novo nas Zonas Libertadas era aceitar uma certa capacidade dos africanos o que não era fácil permitir que certos círculos que nas Europas aceitassem quer dizer, que iam contra certos esquemas construídos sobre aquilo que é válido e que não é válido aceitar por parte de africano. Nós temos uma possibilidade e capacidade de explicar que os outros já compreenderam; por isso eu quero muito bem que os camaradas digam que eu não compreendo. Nós fazemos o esforço de explicar e metemos esses factos sobre a realidade. Qual a participação da comunidade internacional neste esforço contra o apartheid. E porque querer exigir de Moçambique a forma ideal do esforço contra o apartheid quando aqueles que têm a capacidade de o fazer não o fazem?

O nosso dever enquanto moçambicanos não é agir simplesmente porque isso seria agradável que o mundo viria em nós, a nossa responsabilidade é assegurar a defesa da revolução e de acção para que a base de Moçambique permaneça base do socialismo na África Austral. Esse é que é o nosso dever histórico. E isso que nós estamos a fazer, vamos-nos exprimindo, vamos explicando e esperamos que as coisas se vão clarificando pouco a pouco.

Mas eu estava a dizer simplesmente que visualmente há certos aspectos da realidade de um fenómeno que é preciso vivê-lo para termos a sensibilidade, não é fácil mas podemos compreender todos os fenómenos que acontecem em toda e qualquer lugar da terra. Temos experiências diferentes, temos pontos de referência diferentes. Bom. Em certos momentos eu acho que é correcto dizer-se assim: "olha, nós fizemos isso, e é isso que vocês devem fazer. Mais tarde virão a compreender, actualmente não é fácil porque naturalmente os nossos inimigos também têm uma cabeça, também pensam, têm informação mas essa é a realidade de Moçambique. Estes caminhos de ferro, tudo isso vivia para satisfazer, não foi desenvolvimento natural que construir estes portos e linhas férreas mas foram realidades criadas aqui, e nós não vamos deitar fora os caminhos de ferro e os portos. Daqui a alguns anos vão satisfazer as nossas

realidades. Também não vamos deitar fora as cidades, temos que fazê-las viver assim mesmo utilizando o soalho para fazer lenha para cozinhar, mas paciência um dia vamos concertar as casas, não é difícil. Nos dizemos façam esforços penetrem na nossa realidade para melhor a sentirem para poderem aperceber-se das transformações mesmo que elas sejam mínimas; e preciso aprofundarem a vossa inserção nesta realidade de Moçambique para uma maior sensibilidade. Vamos dizer no entanto que os melhores soldados que nos tivemos foram aqueles que se formaram na Argélia e não foram nem aqueles que foram formados nem na União Soviética, nem na China. Porque? Porque as realidades da Argélia e de Moçambique estavam mais próximas sob o ponto de vista físico material e do ponto de vista cultural.

Saber como trabalhar com o homem moçambicano foi muito mais fácil para a Argélia do que para o Chines por causa da sensibilidade, por causa da vivência de certos fenómenos de certas realidades.

Em cada lugar há aqueles que nos representam e vocês devem continuar a aceitar que a quem vos representa somos nós, Partido FRELIMO. A vossa bandeira aqui somos nós. Assumir esta realidade é difícil. Nós é que somos a vossa boca, esta é a maneira de ser da revolução. É preciso ganhar a dimensão que exprime a vossa e a nossa realidade. Aquilo que vão dizer lá fora e aquilo que nós dissermos se não vamos ter sempre discussão disto da vossa parte não pode haver isso. Se não compreendem paciência façam o favor, digam mas repitam o que nós dissermos. Isto para falarmos como militantes que estamos a fazer a revolução. Correcto, companheiros!

E todos juntos e caso concertarmos as nossas acções, os nossos pensamentos então o nosso trabalho vai ser mais organizado, mais fácil e menos árduo. É preciso concertar os nossos pensamentos e as nossas acções. É preciso fazer a revolução companheiros! É preciso passar por estradas tortuosas, duras mas vamos passar, vamos fazê-la. Nós vamos forjar-nos neste combate. Estas dificuldades vão forjar-nos. Quando nós sairmos delas ah, sim. Sairemos como aço puro. Mas é preciso aceitarmos passar por isto tudo; e preciso engajarmo-nos a fundo neste combate. Agora para falar sobre a minha parte sobre isto não é fácil companheiros. Eu penso que se formos trabalhando juntos vocês há-de pouco a pouco ir conhecendo um pouco melhor.

Aquilo que eu fiz foi o que tantos outros fizeram e se tantos outros não tivessem feito, não era por isso que eu teria feito esta revolução. Aquilo que eu fiz foi fazer como muitos outros que disseram olha: Revolução, Pátria, Nação. É isso que nos anima; é isso que nos identifica. Antes do partido, antes da revolução não há nada. Nem família, nem amigos. É isso que eu fiz, muitos outros o fizeram e alguns sacrificaram as suas vidas mas outros estão connosco. Aquilo que eu fiz foi tudo aquilo que eu sabia, tudo aquilo que eu pude aprender, tudo aquilo que era conhecimento meu. Cada um da a sua parte pessoal na construção desta revolução foi o que eu fiz e que tantos outros fizeram.

De modo que perguntem também ao professor Bragança que estava connosco nesta marcha toda de 1962, 1963, 1964, 1965, etc., de modo que é difícil.

Uma vez perguntaram ao amigo Picasso por que ele não era comunista? Ele disse: "Eu tenho o comunismo como quem vai a fonte, eu fui ao comunismo como quem vai a fonte." Aquilo que eu fiz, bom, era aquilo que era preciso fazer. Fazer para todo o cidadão moçambicano era uma coisa

natural. Mas por mais que eu quisesse fazer imagens dessas para explicar aquilo que fiz, para saber a vida histórica de tudo isto e talvez fazer de tempos a tempos. Começar do princípio e chegar ao fim não sei se vai dar.

O que eu fiz foi o que muitos outros moçambicanos fizeram. De modo que eu compreendo a vossa preocupação mas estou certo de que vocês saberão compreender porque é difícil falar de outra maneira. Mas contando uma história hoje, contando uma história amanhã, então pouco a pouco os diversos pedaços vão ser montados.

Peço desculpa por ter dificuldade de falar de mim como vocês gostariam. Mas como ainda nos temos ainda muito tempo e temos de continuar o combate contra os Bandidos Armados; como temos que continuar esse combate pela revolução ainda teremos muito tempo para estermos juntos e conversamos.

Correcto companheiros!

Muito obrigado.

A Luta Continua!